

Em algumas escolas, apenas existe o diretor, que ocupa simultaneamente todos os cargos, isto é, diretor pedagógico, administrativo e professor de todas as classes de uma só vez. As escolas características dessa dimensão têm um número de alunos em torno de cinquenta, não tendo nunca mais de dois professores. Assim, dificilmente não haverá boas relações nessas comunidades, pelo fato das pessoas envolvidas nesse ambiente serem um pequeno número, bem controlado.

**Fernando Bumba
María Natalia Campos Soto
Antonio Manuel Rodríguez García**

A escola primária rural e a relação com a comunidade em Cabinda-Angola

The primary rural school and relation with the community in Cabinda-Angola

FERNANDO BUMBA*

MARÍA NATALIA CAMPOS SOTO**

ANTONIO MANUEL RODRÍGUEZ GARCÍA***

Resumo

Este artigo apresenta um estudo sobre as relações-interpessoais que a escola primária situada na zona rural estabelece com a comunidade que a circundada. O objetivo principal desta investigação descritiva é analisar as relações que a escola (diretores e professores) estabelecem com a comunidade rural onde funcionam, bem como com os próprios alunos. Finalmente, baseando-se do grupo de discussão onde os participantes foram os professores que trabalham na escola primária rural, concluiu-se que, independentemente de constrangimentos que possam existir durante as atividades docentes-educativas no seio rural, também pelo fato da comunidade ter pouca participação na tomada das decisões escolares, as relações escola-comunidade, professor – aluno, aluno-aluno são estreitas.

Palavras-chave: Escola Rural. Escola Primária. Relação Escola-Comunidade.

* Doutorado em Curriculum Professorado e Instituições Educativas pelo Instituto Superior da Educação da Universidade de Granada, Espanha; Professor na Universidade 11 de Novembro Região Académica II em Angola-Província de Cabinda, no Instituto Superior de Ciências da Educação de Cabinda-Angola.; Email: felitobumba@hotmail.com

** Mestrado em Intervenção Psicopedagógica, estudante do Programa de Doutorado em Ciências da Educação pela Universidade de Granada, Espanha; Membro do grupo de pesquisa HUM-672 A.R.E.A. (Análise da Realidade Educativa); Pesquisadora na Universidade de Granada; Email: ncampos@ugr.es

*** Mestrado em Pesquisa e Inovação em Currículo e Treinamento, estudante do Programa de Doutorado em Ciências da Educação pela Universidade de Granada, Espanha; Membro do grupo de pesquisa HUM-672 Á.R.E.A. (Análise da Realidade Educativa); Pesquisador na Universidade de Granada; Email: arodrigu@ugr.es

Abstract

This presents article shows a study on the inter-relations between the primary school, situated in the countryside, and the community around. The main goal of this descriptive research is to analyze the relationships that the school (directors and teachers) establish with the rural community where it operates, as well as their own students. Finally, based on the discussion about the group formed by the teachers from the rural primary school, it is possible to conclude that, regardless of hardship that may exist during the teaching-learning activities in rural breast, also since the community have little participation in making decisions of school, school-community relations, teacher - student, student-student are still narrow.

Keywords: Rural School. Primary School. Relationship Schooling-Community.

Introdução

Este artigo reflete um trabalho que foi construído a partir da tese do doutoramento em ciências da educação. Conscientes da problemática cujo pano de fundo consiste intimamente na relação existente entre a escola rural e a comunidade nela inserida, procuramos primeiramente, caracterizar o local palco da pesquisa. A investigação teve lugar na província de Cabinda, que é uma parte das dezoito províncias de Angola, sendo um enclave limitado ao norte pela República do Congo (Congo-Brazzaville, antigo Congo Francês), a leste e ao sul pela República Democrática do Congo (antigo Congo Belga) e a oeste pelo oceano Atlântico. Ela tem uma superfície de 7.283 km² e cerca de 688.285 habitantes (Ceita, 2014). A população pertence, na sua quase totalidade, aos povos Bantu.

Neste contexto, falar das relações interpessoais na escola rural para o caso vertente, temos que antes procurar situá-las numa abordagem situacional da educação angolana. Assim, a educação, enquanto uma política da gerência pública, representa técnicas eficientes na mobilização social das massas em busca de uma vida com melhor qualidade, que perpassa pela formação dos alunos (Raso Sánchez, 2014). A administração educativa é um bem da sociedade, que as autoridades públicas fazem cumprir no serviço educativo (Lorenzo Delgado, 2011). Todavia, a maior parte das escolas rurais de Cabinda, obedecendo, ou não, de forma consciente, à estrutura orgânica das administrações locais, conta com um director que tem, como missão, planificar e organizar a escola, acompanhar as actividades docentes, acompanhar e orientar as actividades dos seus subordinados (Bumba, Cáceres Reche e Hinojo Lucena, 2016).

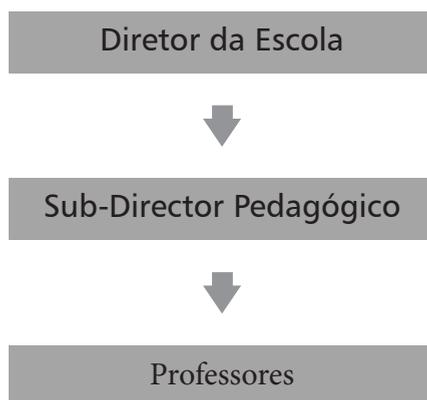
Quase que em todas escolas da comunidade rural existe apenas o director que vela pela participação e pelo grau do cumprimento dos programas e planos de estudo em vigor, participando na assistência às aulas, nas suas planificações e apoiando a participação dos professores nos seminários,

promovendo as reuniões pedagógicas. Mas, durante a nossa observação, verificamos que as estruturas administrativas das escolas rurais em Cabinda não funcionam em seu pleno. Em algumas escolas, apenas existe o diretor, que ocupa simultaneamente todos os cargos, isto é, diretor pedagógico, administrativo e professor de todas as classes de uma só vez. As escolas características dessa dimensão têm um número de alunos em torno de cinquenta, não tendo nunca mais de dois professores. Assim, dificilmente não haverá boas relações nessas comunidades, pelo fato das pessoas envolvidas nesse ambiente serem um pequeno número, bem controlado.

A relação entre as escolas primárias rurais e a comunidade em Cabinda

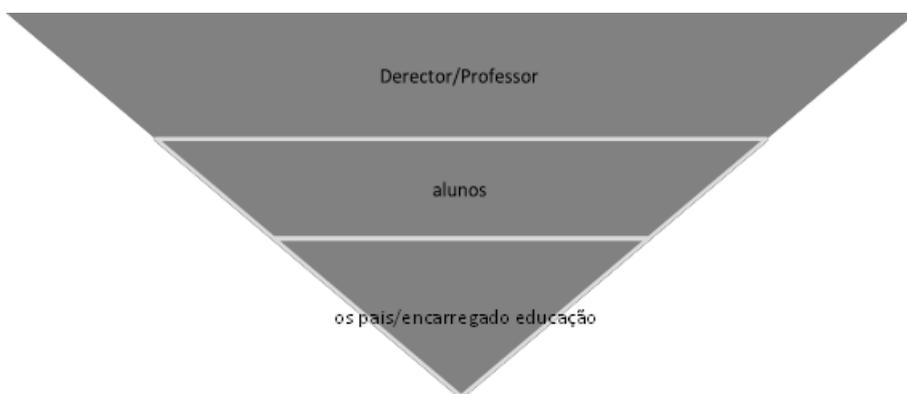
As estruturas abaixo refletem imagens hierárquicas e de funcionamento administrativo de algumas escolas rurais que possuem mais de cinquenta alunos (Figura 1), mas também existem aquelas escolas que possuem um número ainda menor (Figura 2).

Figura 1. Organograma das escolas rurais distantes da cidade com mais de 50 alunos



Fonte: Elaboração própria.

Figura 2. Organograma das escolas rurais dos locais mais distantes da cidade com menos de 50 alunos



Fonte: Elaboração própria.

Diante dessas figuras acima referenciadas, elaboramos um quadro comparativo (Tabela 1) em função das posições ocupacionais exercidas nas escolas primárias rurais e suas funções.

Tabela 1. Escolas primárias das zonas rurais

Escolas (mais de 50 alunos)	Escolas (menos de 50 alunos)
Diretor: planificar, organizar, dirigir, controlar e avaliar.	Diretor/professor: ensinar, planificar, e organizar.
Subdirector pedagógico: promover a elaboração de planos de aulas, promover seminários, controlar as atividades docentes.	Aluno: aprender e assimilar a matéria, ajudar o professor em determinadas tarefas mesmo fora do contexto escolar.
Professor : planificar e transmitir os conteúdos.	Pais/encarregados da educação: ajudar o diretor/professor no cumprimento das tarefas sejam escolares ou não.

Fonte: elaboração própria.

É importante dizer que, durante a nossa pesquisa, constatamos alguns diretores sem espaço para exercer as suas funções. Por essa causa, muitos documentos escolares são arquivados nas suas próprias residencias, outros

não têm sequer um documento que justificaria o seu trabalho administrativo, salvo em alguns casos isolados. Em muitas escolas, não encontramos pelo menos um processo individual de aluno arquivado, o que significa que alguns alunos são matriculados sem a formação de processo individual.

Quanto às presenças quer dos professores quer dos alunos, geralmente, não existe, da parte do diretor da escola, uma cultura e rigor administrativo de marcar faltas para registrar as ausências dos professores, nem dos alunos, tendo em conta as dificuldades que ambos enfrentam.

Na mesma vertente, as relações interpessoais na escola rural devem ser assumidas pela própria escola, nas pessoas de seus protagonistas, por ser o único serviço social capaz de transformar toda comunidade rural num ambiente de grupo sistematizado e contíguo (Corchón, Raso Sánchez e Hinojo Lucena, 2013). Como disse Freitas e Lussoke (2010), a escola é uma instituição ao nosso serviço. Para tal, ela, para funcionar, é necessário uma intensa relação com a comunidade por parte do director e do professor, esses os únicos componentes do ensino vocacionados para a transformação social na base de desenvolvimento sustentável (Raso Sánchez, 2012). Quando falamos de desenvolvimento sustentável, estamos nos referindo ao desenvolvimento que cobre as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de cobrir as suas necessidades, apoiando-se em três pilares básicos: econômico, social e financeiro (Morales, 2014).

Para que haja uma boa relação, o professor deve mostrar seu perfil e competência na qualidade da figura social, protagonizando momentos bons para ser um exemplo a seguir (Raso Sánchez, Hinojo Lucena y Sola Martínez, 2014). No caso vertente da escola primária rural no local da pesquisa, vários são os indicadores que mostram claramente indícios de boa relação. Alguns exemplos mostram que o professor na comunidade rural, em determinados momentos, é sustentado em termos de alimentação e alojamento pelos populares. Mais ainda, há casos em que os professores são forçados a terem uma outra relação marital profunda fora do contexto da sua convivência normal, fruto das novas relações que lhes são proporcionadas pelas comunidades onde foram a trabalhar.

Geralmente, essa troca de relações tem sido da iniciativa do professor, tendo em conta suas características e sua formação acadêmica e cultural (Raso Sánchez, Aznar Díaz y Cáceres Reche, 2014). Embora não se possa relegar toda responsabilidade ao professor, a comunidade deve fazer a sua parte. É assim que Estanqueiro (1992, p. 45) defende: *um sorriso caloroso ou um cumprimento acolhedor abrem as portas ao encontro entre duas pessoas*. Nisso, a iniciativa pode não ser do funcionário da escola, mas pode ser da comunidade. O sucesso nas relações interpessoais depende muito da capacidade de dar atenção, em cada momento, às necessidades concretas das pessoas com que lidam (Estanqueiro, 1992).

É importante dizer que a iniciativa da aproximação escola-comunidade deve caber à escola por estar em melhor posição para o fazer. Naturalmente

algumas situações de recusa ao professor nas comunidades rurais têm acontecido por vezes em função da má percepção de alguns pais, de entender as características do professor, ou, por vezes, problemas relacionados ao próprio professor. Como disse Fachada (2012, p. 25), *tal como a língua fala para o ouvido, a mão fala para os olhos*. Sem dúvida, uma má atitude do professor, más respostas e/ou má gesticulação na conversa com a comunidade rural em que ele encontra podem provocar um mal estar.

Para Fachada (2012), comunicar é essencial para o ser humano porque se trata de um processo que faz do homem aquilo que ele é e permite que se estabeleça a relação interpessoal. Obviamente, quando não há comunicação não existem boas relações.

Para melhor análise dessa abordagem, é necessário sabermos que a relação professor-comunidade, nesse sentido, aproxima-se aos moldes da relação entre terapeuta e paciente. O terapeuta é suscetível a receber casos que, pela sua natureza específica, podem aparentemente ser superior a das suas capacidades, enquanto, para o professor, pela natureza da área onde estiver trabalhando e pelas características das pessoas que lá residem, ele se sentirá obrigado a cooperar com tudo e com todos. Nesse caso, a maior compreensão vai recaindo sobre o professor. Nessa variante, tudo indica que, para um bom sucesso do aluno, não só nas comunidades rurais, mas, também nas comunidades urbanas, deve existir uma forte ligação entre o professor e o meio que o circunda.

Outro desafio para uma boa relação escola-comunidade é a comunicação. Essa é fundamental em qualquer sociedade, todos os povos se comunicam apesar das diferenças existentes e dos processos de comunicação. A comunicação é fundamental em qualquer sociedade, porque:

permite a produção e a reprodução dos sistemas sociais, é o sistema social que determina o modo como comunicam os seus membros, o conhecimento de um sistema social permite fazer previsões acerca das pessoas, dos seus comportamentos e de modo como comunicam (Fachada, 2012, p. 32).

Muitos estudos mostram claramente que uma relação escola-comunidade é o principal motivo do sucesso escolar dos alunos. Historicamente, a escola e a família têm sido as principais instituições ligadas ao cuidado pela educação dos meninos e das meninas. Em caso de ausência dessas, o Estado e a Igreja deveriam ampará-los, velando por sua tutela e crescimento (Cara Díaz, Sola Martínez, Aznar Díaz y Fernández Martínez, 2015). Geralmente, em Cabinda, os professores nas escolas rurais, na sua maioria, têm boas relações com a comunidade, salvo alguns casos isolados.

Por vezes, a falta de vontade de alguns pais em apoiar e em ajudar na execução das tarefas escolares pode ser motivo de afastamento do professor perante as comunidades. Por outro, na nossa realidade, as relações que o professor estabelece com a comunidade rural têm influenciado positivamente

no aproveitamento dos alunos.

Este trabalho objetivou analisar as relações interpessoais dos funcionários da escola primária rural de Cabinda com as comunidades rurais onde elas funcionam. Obviamente, para o tipo de estudo, usamos a observação participativa que deu origem a um grupo de discussão que o Godoi (2013) considera como a única forma de abrir a possibilidade de debate em qualquer campo de estudo, onde cada integrante exprime de forma aberta as suas motivações.

Conclusões

Na base desta discussão, concluiu-se que, embora haja pouca frequência no cumprimento e na execução das atividades extra escolares - que visariam à maior aproximação da escola junto das comunidades –, há boas relações entre escola-comunidade, professor – aluno e vice-versa na escola primária rural. Denota-se que existe pouca participação da comunidade rural na tomada de decisões na gestão e na organização escolar, mas, nem por isso, afetam-se as relações. Quase em todas escolas primárias situadas nas zonas rurais, as relações de concórdia, trocas de experiências culturais, ajuda mútua, participação dos pais e dos alunos nos trabalhos do professor é evidente. Por essa razão, consideramos que as relações escola-comunidade nas zonas rurais são estreitas.

Embora a relações sejam estreitas, a participação da escola nas atividades de impacto social devem ser permanentes. Também, os órgãos máximos da administração escolar devem exigir dos diretores das escolas primárias rurais e não só delas o envolvimento de toda comunidade rural na tomada de decisões para o melhoramento das ações educativas da escola.

De uma maneira geral, esse estudo identificou a pertinência da escola com as partes que a integram na comunidade, de modo a reonhecê-la como uma instituição sua, da qual pode participar e cuidar.

Para Martinelli e Schiavoni (2009), há inúmeras possibilidades de interações interpessoais na escola, seja entre o aluno e seu professor, seja em relação aos companheiros. Essas relações podem ser influenciadas por uma série de circunstâncias que podem comprometer a qualidade das mesmas. Na vertente da sala de aulas, uns alunos são mais aceitos que outros porque ou revelam a maior capacidade ou porque têm certas debilidades.

Nesse contexto, escola, por sua vez, deve revelar-se como unidade aberta à sua comunidade, procedendo o seguinte: buscar sistematicamente a construção de um processo de educação que considere a diferença relacionada à especificidade dos seus alunos, atendendo às suas necessidades e anseios, visando a realizar uma educação de qualidade. Entendemos que encontrar o caminho para relações de parceria pode ser uma experiência significativa, resultando em melhorias nas interações humanas, no ensino, na preservação das instalações físicas e no combate da violência dentro e fora da escola. Para nós, isso pode ser a luz de um novo tempo na educação:

o aproveitamento das experiências familiares na construção do saber e das ações da escola.

O professor da escola rural deve ser um daquele com o espírito empreendedor, ou seja, deve ser influenciador de vários projetos escolares para melhoramento da escola (Raso Sánchez, Cáceres Reche y Aznar Díaz, 2013). No mínimo, um professor rural deve ter a formação integral para formar o aluno a sua imagem, ou seja, abrir novos horizontes não só dos alunos, mas de toda comunidade. A contínua formação desses profissionais da educação, o avanço do seu fundo deveria obedecer à adequação histórica do contexto socio-actual (Sola Martínez, López Urquizar y Cáceres Reche, 2009).

Referências

Bumba, F., Cáceres Reche, M.P. e Hinojo Lucena, M.A. (2016). *A escola primária de Cabinda (Angola): conceito, tipo de escola e o funcionamento. Conhecimento e diversidade*, 8(15), 26-33. Acessados em http://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/conhecimento_diversidade/article/view/2718

Cara Díaz, M., Sola Martínez, T., Aznar Díaz, I. y Fernández Martínez, F. (2015). Análisis organizativo de las clases de inclusión escolar em Francia. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 13 (2), 795-807.

Ceita, C. (2014). *Resultados preliminares do recenseamento geral da população e da habitação de Angola*. Luanda, Angola: Instituto Nacional de Estatística.

Corchón, E., Raso Sánchez, F. e Hinojo Lucena, M.A. (2013). Análisis histórico-legislativo de la organización de la escuela rural española en el período 1857–2012. *Enseñanza & Teaching, Revista Interuniversitaria de Didáctica*, 31 (1), 147–179.

Estanqueiro, A. (22^a). (1992). *Saber Lidar com as Pessoas. Princípios da comunicação interpessoal*. Lisboa, Portugal: Presença.

Fachada, M.O. (2^a). (2012). *Psicologia das Relações Interpessoais*. Lisboa, Portugal: Edições Sílabo.

Freita, M.M. y Lussoke, D. (2010). *Estudo do meio*. Lobito, Angola: Fukuma Editora, SA.

Godoi, C.K. (2013). Grupo de Discussão Prática Grupal de pesquisa Qualitativa: possibilidades abertas aos estudos organizacionais. *IV Encontro de Ensino de Pesquisa em Administração e Contabilidade. Brasília*.

Lorenzo Delgado, M. (2011). *Organización y gestión de centros y contextos educativos*. Granada, España: Universitas, S.A.

Martinelli, S. C. y Schiavoni, A. (2009). Percepção do aluno sobre sua interação com o professor e status sociométrico. *Estudos de Psicologia. (Campinas)*, 26 (3), 327-336. Acessados em <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v26n3/v26n3a06.pdf>

Morales, E. (2014). Nuevos pobladores en el medio rural. Una apuesta por la sostenibilidad rural. El caso de Amayuelas da Abajo. *En X Coloquio Ibérico de estudios rurales*. Valladolid, España: Universidad de Valladolid.

Raso Sánchez, F., Aznar Díaz, I. y Cáceres Reche, M.P. (2014). Integración de tecnologías de la información y comunicación: estudio evaluativo en la escuela rural

andaluza (España). *Píxel-Bit. Revista de Medios y Educación*, 45, 51-64.

Raso Sánchez, F., Hinojo Lucena, M.A. y Sola Martínez, J.M. (2014). Integración y uso docente de las tecnologías de la información y la comunicación (TIC) en la escuela rural de la provincia de Granada: estudio descriptivo. REICE. *Revista Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio en Educación*, 13(1), 139-159.

Raso Sánchez, F. (2014). *Satisfacción del profesorado de la escuela rural en la provincia de Granada: estudio evaluativo*. (Tesis doctoral). Universidad Complutense de Madrid, Madrid, España. <http://eprints.ucm.es/29357/1/T35916.pdf>

Raso Sánchez, F., Cáceres Reche, M.P. & Aznar Díaz, I. (2013). Teachers' Satisfaction Concerning the Use of ICT in Rural Educational Centers of Andalusia (Spain). *The New Educational Review*, 34 (4), 246-257.

Raso Sánchez, F. (2012). *La escuela rural andaluza y su profesorado ante las tecnologías de la información y la comunicación (tic): estudio evaluativo*. (Tesis Doctoral). Universidad de Granada, Granada, España.

Sola Martínez, T., López Urquizar, N. y Cáceres Reche, M. P. (2009). Educación Especial en su Enmarque Didáctico y Organizativo. *Revista Iberoamericana de Educación*, 50 (3), 432-435.